



## **PENSANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PELA PERSPECTIVA GRUPAL: SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS DE PARTICIPANTES DE UM GRUPO DE PESQUISAS**

Caroline Ferreira Brezolin

Indiara Rech

Valeska Maria Fortes de Oliveira

### **Resumo:**

O presente trabalho é escrito para a apresentação no IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL e busca discutir a formação de professores pela perspectiva grupal, vendo a possibilidade de um grupo de pesquisa ser um dispositivo na formação de professores. Este estudo é produto de um projeto em desenvolvimento intitulado “O grupo como dispositivo de formação de professores” quem vem sendo realizado por um grupo de estudos e pesquisas de uma Universidade Federal do interior do estado, que a mais de dezenove anos vem realizando pesquisas na área da educação a partir do Imaginário Social embasado nas teorias de Cornelius Castoriadis. A questão norteadora deste projeto surgiu pelas falas e escritas dos participantes do grupo, se este pode ser um dispositivo de formação. Dessa forma, passamos a investigar acerca das experiências dos integrantes deste grupo de pesquisas através de dinâmicas e vivências dos sujeitos envolvidos. Assim instituindo novas formas de pensar a formação de professores.

**Palavras- chaves:** Formação de professores; Dispositivo grupal; Imaginário Social.

### **1. Começando a pesquisa: discussões iniciais sobre formação e o campo grupal**

O grupo de estudos e pesquisas está a dezenove anos desenvolvendo trabalhos nas temáticas de saberes docentes e Formação de Professores sob o olhar do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis. Participam deste grupo alunos colaboradores e bolsistas de iniciação científica da graduação, mestrandos, doutorandos e professores de escolas da rede municipal e estadual e de distintas instituições de ensino superior.

Nesta trajetória, o grupo de estudos e pesquisas percebeu a continuidade da formação profissional das inúmeras pessoas que fizeram parte do grupo e começou a questionar-se “*o grupo pode ser pensado como dispositivo de formação?*”. A partir de tal questão iniciou-se uma pesquisa desde o ano de 2007, almejando conhecer as possibilidades de pensar o grupo como um dispositivo de formação, procurando identificar os saberes e as representações

construídas pelas pessoas que compartilham a experiência da produção coletiva em um grupo de estudos e pesquisas.

Os primeiros passos da pesquisa se constituíram na investigação de nosso próprio grupo de pesquisa, pois acreditamos na ideia de olhar para si antes de traçarmos paralelos com o funcionamento de outros grupos. A partir disso, com alguns resultados e novas questões para serem investigadas, resolvemos ampliar nossa pesquisa a um outro grupo de estudos localizado no interior do estado e um grupo de uma Universidade da Argentina.

O primeiro grupo referido anteriormente dedica-se a pesquisas e práticas que promovam caminhos de reflexão e de sensibilização para os assuntos relativos ao Imaginário e a Educação na Formação Humana. O segundo grupo investigado trabalha na perspectiva do dispositivo grupal no campo da formação.

Percebemos que atualmente tem sido um desafio aos professores a aprendizagem do trabalho coletivo nas instituições em que atuam. Assim, nos propomos a ampliar nossa pesquisa, a fim de ter maior visão sobre os processos, dinâmicas e movimentos que envolvem o campo grupal visualizando os meios pelo qual o grupo pode ser um colaborador nos processos de formação e nas práticas docentes.

De tal modo, temos como objetivos norteadores deste projeto: conhecer as possibilidades de grupos de estudos e pesquisas serem dispositivos de formação de professores; bem como, analisar os saberes e as representações construídas pelas pessoas que compartilham a experiência da produção coletiva neste espaço; compreender a importância de um grupo de estudos e pesquisas para a formação de docentes; e avaliar os meios pelos quais o grupo pode ser pensado como um dispositivo de formação. Assim, realizamos esta pesquisa.

## **2. Delineando caminhos...**

Em todo projeto que busca investigar questões empíricas embasadas por conceitos teóricos está precedida por uma metodologia, esta de cunho qualitativo. As duas vertentes da pesquisa são essenciais, vemos elas em conjunto, no qual ambas se complementam. Ao longo de nosso projeto buscamos realizar diferentes tipos de coletas de dados, a fim de que nosso repertório de análise fosse o mais variado possível, concomitantemente realizamos estudos que visaram o aprofundamento teórico das temáticas desenvolvidas no projeto.

Assim, como referido anteriormente a parte empírica desta pesquisa realizou vivências, dinâmicas e entrevistas com os sujeitos envolvidos na pesquisa buscando abarcar

suas aprendizagens mais significativas. Para análise dos dados desta pesquisa, usamos a abordagem hermenêutica, defendida por Minayo (1994) na qual se busca descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, nas entrelinhas. Esta escolha vem ao encontro de tentarmos nos aproximar dos sentidos e dos significados explicitados nas falas dos participantes. Analisar os dados a partir dessa perspectiva nos possibilita consolidarmos uma base analítica, compreensiva e interpretativa para os dados coletados.

É pertinente ressaltar que antes de verificarmos se o grupo pode ser um dispositivo de formação para os integrantes que participam dele, as vivências e dinâmicas foram consideradas por nós dispositivos, na qual nos utilizamos para nos aproximar das significações imaginárias dos participantes do grupo de pesquisas. Dessa forma, entendemos por dispositivo de formação, assim como Souto (2007), um espaço na qual estratégias são criadas para revelar significados nos permitindo analisar situações transformando-as em novas aprendizagens. Enfim, tudo que nos provoca, nos toca, nos faz pensar é um dispositivo de formação.

Em nossos estudos sobre grupos fomos ao encontro de Pichon-Rivière e Marta Souto, no que se refere a questão do imaginário e suas representações utilizamos Cornelius Castoriadis, Nilda Tevês Ferreira e Marisa Faermann Eizirik, e para as temáticas envolvendo a formação de professores, memória e trajetória promovemos nossas discussões amparadas em Valeska Fortes de Oliveira, entre outros autores que utilizamos como aporte teórico deste estudo.

Contudo, ao longo desta investigação foram necessários, em alguns momentos, reelaborar os métodos de coleta e análise dos dados. Encontramos em Marques (2008) o subsídio para esta flexibilidade metodológica, quando este diz que a metodologia pode ser modificada no decorrer do processo investigativo.

### **3. Momentos que marcaram nossa caminhada...**

Várias podem ser as estratégias de pesquisa usadas em um trabalho investigativo. Desse modo, para coleta os dados realizamos entrevistas, vivências, questionários e enviamos e-mails para os participantes dos três grupos.

Um exemplo de coleta de dados foi obtido pelas respostas de um e-mail que enviamos para os integrantes dos grupos brasileiros, uma imagem com o símbolo dos dois grupos integrados. A partir dessa imagem, solicitamos que os participantes de ambos os grupos,

fizessem um exercício de reflexão e escrevessem sobre as impressões e significações que esta lhe causava, pensando evidentemente na questão grupal. Esse modo de coleta de dados através do e-mail foi tão satisfatório que resolvemos enviar um questionário ao grupo da Argentina. Realizamos também, duas vivências com o nosso grupo, em que os mesmos foram provocados a pensar sobre sua participação enquanto integrantes de um grupo de estudos e pesquisas. A primeira vivência foi pensada com o intuito de que o grande grupo descrevesse as contribuições que cada integrante, pensando nas individualidades de que cada um trazia na condição de participante do grupo.

A segunda vivência foi proposta na sala do grupo e foi proposta com o intuito de que os participantes, provocados por inúmeras fotos dos trabalhos, estudos e demais atividades realizadas ao longo de sua trajetória, voltassem ao passado e resgassem lembranças, memórias de tantos momentos vivenciados pelo grupo.

Para que a vivência tivesse o resultado que esperávamos, organizamos um espaço no qual os participantes sentissem certo estranhamento ao entrarem na sala e perceberem as modificações. Sobre a mesa da sala, encontravam-se distribuídas sobre toda a superfície da mesma, fotografias que retratam alguns momentos da história do nosso grupo e de seus integrantes enquanto responsáveis por ela.

Depois de surpresos com a entrada na sala, todos foram chamados a escrever sobre as imagens e o que cada uma significava, que lembranças vieram a tona para cada participante e esses mesmos poderiam contar/narrar essa imagem significava, sobre a perspectiva de seu olhar dentro das fronteiras do imaginário.

#### **4. No caminho nos questionamos: Mas afinal, o que é um grupo?**

Partindo das mais diversas formas e meios de ingresso nos diferentes grupos de estudos e pesquisas por seus participantes, percebemos que os mesmos passaram a fazer parte de suas vidas no que se refere à formação tanto pessoal como profissional. Podemos perceber a importância dos grupos de pesquisa nas vidas de seus participantes através de falas como:

Olha, eu acho que eu não consigo separar o grupo do meu estudo em si, meu estudo como mestrado e como doutorado, porque o grupo ele tá imbricado, tá misturado com tudo, tanto que os textos, os trabalhos, sempre vão, de uma forma ou de outra, títulos, sempre vai o (*grupo*) na assinatura desse trabalho, e, bom, o que faz isso, essa construção: justamente os debates, as leituras, as reflexões, sobre o campo do imaginário, o ensino e as discussões sobre o estudo do imaginário, o que é o imaginário pra nós. (Entrevistado 1)

Desta forma, percebemos que os estudos realizados no grupo, não representam algo à parte, mas um complemento, uma qualificação para a formação de seus participantes. Isso faz com que o grupo seja sempre lembrado como um espaço principal, que motiva e impulsiona novos saberes.

A entrevistada 4, nos fala sobre esse movimento onde diz que: “El espacio se va configurando año a año. Es un espacio dinámico, donde siempre hay cosas por estudiar, compartir, intercambiar sobre las teorías o los autores que trabajamos.”

Na fala da entrevistada 5, identificamos sua percepção como nova integrante em relação ao que o grupo pode vir-a-ser enquanto espaço de formação, de produção de conhecimentos, de compartilhamento de saberes.

Um grupo, um porvir, um espaço de criação, de produção, de contexto, um cenário para a pesquisa, uma busca, um desejo, um lócus para pensar sobre a diferença, sobre seres humanos sendo, em grupo, identidades, diversidades, diversas idades, o outro da minha cultura nas revoluções de aprendizagem, aprendizagens em perspectivas, visões de mim, no outro e do outro em mim, imóveis na sala, a sala, uma sala, os móveis em mim, movimentos, devir revolucionário, agora corporificado, encarnado, presentificado no (*grupo*).

Dessa forma, o grupo é um espaço de potencialidades. Os grupos com os quais realizamos a pesquisa, tem como tema central o Imaginário Social, sendo este citado também pelos seus participantes como possibilitador de interlocução, através do qual os sujeitos são guiados. Podemos perceber isso na fala do entrevistado 2, onde diz que:

Eu acho que (*o grupo*) é este espaço multiverso, um espaço de múltiplas possibilidades de interlocução, de aprofundamento e questionamento sobre a potência do imaginário na educação, a potência do imaginário da vida e a potência do imaginário na construção do conhecimento.

Contudo, não podemos deixar de mencionar que as representações designadas ao grupo pelos seus participantes são distintas. No momento, em que para alguns ele é mais significativo para os estudos teóricos, para outros ele adquire mais significado pelas vivências e relações estabelecidas dentro dele.

No que se refere aos momentos de vivências e das relações estabelecidas no grupo, encontramos na fala da entrevistada 7 que além do grupo constituir-se como um espaço de estudos, também se faz presente a questão grupal, a convivência com o outro. Os laços afetivos que são estabelecidos no grupo causam a certeza de que este está conectado, formando um todo.

Senti muito forte o MOVIMENTO que tem no nosso grupo e a força de emoções que perpassam quando estamos reunidos. Nesse encontro ouvi alguém dizer do outro grupo que eles eram vento e com certeza nós somos ÁGUA. Apesar da diversidade, de todas as maneiras que essa palavra possa representar, nesses momentos, encontros, sinto que somos um só GRUPO, também com todos os sentidos e significados que tem esse termo.

O entrevistado 1, nos fala sobre este movimento de pulsão do grupo através de uma metáfora comparativa com um caldeirão, que está sempre a borbulhar para que cada um decida o que fazer com ele.

Bem, eu diria que é um caldeirão, um caldeirão que fica borbulhando e que produz algo potente, e esse potente quer dizer tudo o que eu te falei, tu podes te queimar, tu podes te nutrir com este caldeirão, ele está ali, e o grupo, ele fica botando lenha para esse caldo ficar mais borbulhante ainda. Eu acho que como uma metáfora, é mais ou menos isso.

O grupo então não é um espaço impositivo de saberes e ações, mas propiciador dessas. Ele é um espaço em que os sujeitos são deixados livres para fazerem suas escolhas, para decidirem se desejam estudar sobre aquilo, se desejam realizar os projetos, se querem permanecer ou se desejam sair.

E este movimento de liberdade exercido no grupo por seus participantes, é que os deixa livres a ponto de muitas vezes seguirem caminhos ou optarem por algo que não sabem no que resultará. Como ao estudar autores diferentes dos habituais, trabalhar com colegas com os quais tem pouca afinidade, participar de uma pesquisa ou projeto que jamais idealizou fazer ou trabalhar com um grande grupo. Nisso, um dos entrevistados nos fala:

Eu não sei ainda todos os frutos que isso vai dar, mas muitas sementes foram plantadas em mim, então é muito fecunda, é fértil, muito fértil e muito potente, eu acho que seria isso, essas seriam as palavras que resumem isso, fertilidade e potência, uma força vigorosa, prenhede de vida eu te diria, completamente prenhede de vida. (Entrevistada 2)

Assim, a liberdade que os participantes permite que estes sintam-se acolhidos, estabelecendo-se dessa forma uma confiança mútua, em que o grupo acredita nas potencialidades de cada um e assim reciprocamente. O grupo conforme o entrevistado 2, planta muitas sementes em seus participantes, porém não sabe o que cada participante irá colher, dependerá de como cada um cultivará sua semente.

Então, a partir de todas essas contribuições e indo ao encontro do que nos diz Pichon-Rivière entendemos a questão grupal como um

espaço e articuladas por sua mútua representação interna, se propõe de forma explícita e implícita a uma tarefa, que constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos de assunção e atribuição de papéis. (PICHON-RIVIÈRE apud. GAYOTTO, 2001, p.29).

A partir dos relatos dos participantes, no que se refere as significações imaginárias destes é possível pensar o grupo como um lugar “não mais dado a priori, como uma ‘matéria-prima’, ele é uma realização, uma produção, uma criação coletiva, um projeto comum fundador de laço social e ‘recriador’ de um imaginário social.” (SCHALLER 2008, p.70). Dessa forma é impossível ser participante de um grupo e não (re) significar seu imaginário

sobre a formação docente.

## **5. Nessa caminhada, como explicar a formação?**

No grupo, cada sujeito se forma a partir do que mais o instiga, não são outros participantes ou coordenador que transmitirão a ele saberes já instituídos ou que ditarão regras pelas quais irão aprender. Através da convivência, leituras, experiências, discussões, entre outros, são construídas aprendizagens pelos próprios participantes, cada um de sua forma, absorvendo aquilo que mais os toca e é de seu interesse. Assim, são (res)significados saberes dentro do grupo, conforme nos dizem o entrevistado.

Então eu acho que o grupo ele se constituiu, ao meu ver, como eu compreendo como um espaço pra troca, pra celebrações pra potencializações, só que mais do que isso eu acho que ele dá um caminho pra que a gente possa pensar este ser que pesquisa, este ser que vivencia a docência, este ser que pensa o caminho de uma forma muito mais, como eu te diria, acho que muito mais clara pra quem esta vivenciando ele, porque tu tem muitos olhares, esta interlocução solitária que muitas vezes as pessoas vivem no seu trabalho como docente, vivem nos seus espaços de pesquisa. (Entrevistado 2)

Outro meio pelo qual podemos perceber a formação são as aprendizagens geradas também por críticas tanto positivas quanto negativas que surgem, porém que acrescentam experiências à formação, sendo um meio pelo qual é possível que os participantes olhem para suas produções ou para si próprios de forma mais crítica, preparando-se melhor até mesmo para o mercado de trabalho, a vida em sociedade e para o trabalho coletivo em outros grupos, fortalecendo e dando maior consistência às ideias e defesa das mesmas enquanto autores e atores sociais. Percebemos isso na fala do entrevistado 1, no qual afirma que:

Em qualquer sentido, mesmo algum sentido que eu pudesse te dizer agora: bá, eu não gostei, assim ou assado, mas assim, até nesse sentido ele te faz crescer para aceitar alguma crítica diferente, do teu ponto de vista, tu podes até, e isso acontece, não acatar aquilo, mas de qualquer maneira te faz pensar, e no momento em que tu passas por esse “crivo”, essa somatória te deixa mais forte, aquilo que eu li, aquele pensamento, ou até um devaneio ele pode virar uma coisa bem estruturada, bem pensada.

Portanto, isso impulsiona discussões e acrescenta saberes ao grupo, de forma que as especificidades de cada sujeito funcionam como complementos aos saberes já construídos no grupo. Este não ignora ou oculta os olhares dos sujeitos, mas numa difusão de ideias todos são considerados, fazendo surgir então o olhar do grupo como um todo. Nesta perspectiva vamos ao encontro de Oliveira que afirma o quanto se faz necessária a participação de todos, todas as “peças do quebra-cabeças” para que o grupo siga adiante.

A construção coletiva é, sem dúvida, uma experiência propiciadora de múltiplas

aprendizagens– algumas delas, a do respeito pelo posicionamento do outro e a da confiança na divisão do trabalho, que como um “quebra-cabeças”, necessita no final, de todas as peças para que o quadro apareça. (2004, p. 2)

O grupo então possibilita a ampliação dos olhares tanto sobre a profissão quanto sobre o ser humano. Isso se faz de tamanha significação para os professores, pois esses trabalham com gente de culturas, crenças, sociedades diferentes e este olhar ampliado e diferenciado sobre o humano, as relações e a profissão, faz com que eles possam compreender melhor seus alunos mesmo com as mais diversas especificidades, qualificando suas práticas.

Isso revela que “a todo o momento o grupo está presente” (Entrevistada 3). Participar do grupo para a entrevistada 3 a fez com que “passasse a ter outras lentes para ver a formação de professores, e não só ela, assim como também a formação do humano”.

A possibilidade e o desafio do trabalho coletivo é, então, uma das características mais fortes mencionadas pelos participantes dos grupos como meio de formação. A participante 4 nos fala sobre esse trabalho coletivo, apontando-o como enriquecedor de sua prática docente - “nos abriéramos a compartir de manera amplia nuestra tarea y eso provocó desde mi punto de vista un enriquecimiento y un crecimiento en mi tarea docente.”

No momento em que os participantes convivem com esta diversidade, é possível “poder perceber as dúvidas do outro, perceber os caminhos que o outro traça, as escolhas que o outro faz” (Entrevistado 2). Esse movimento possibilita o enriquecimento da pessoa enquanto sujeito em suas relações dentro e fora do grupo e o estreitamento das mesmas, sabendo que os integrantes dos grupos, além de colegas são também na maioria das vezes amigos que lhe passam conforto, apoio e confiança para suas práticas e ações.

Sendo assim, conforme nos relata o entrevistado 2, o grupo está sempre em movimento e movimenta a formação de cada um.

Ele (*o grupo*) é este espaço de, são correntes que trazem ar novo a cada minuto, ou seja, eu não posso dizer que é um espaço contido, não, ele é um espaço fluído extremamente potente, é como se eu estivesse em uma corrente de ar, esta sempre levando coisas, trazendo coisas e acho que ninguém sai ileso, por mais que queira, não consegue sair ileso, todo mundo sai mexido.

O grupo então possibilita a formação através de movimentos de troca, de partilha, sejam eles de saberes, de experiências. Através de críticas, da abertura ao novo, da compreensão, do saber ouvir e saber falar, o processo de formação se desenvolve. Dessa forma, o grupo é algo que movimenta, que cria e recria, que significa e (re) significa os processos de formação de seus participantes.

Os integrantes do grupo não só aprendem a pensar, como também que a abertura da espiral permite que se aprenda a observar e escutar, a relacionar as próprias opiniões com as alheias, a admitir que os outros pensem de modo diferente e a formular



hipóteses em uma tarefa de equipe. (BLEGER, 1998, p. 77)

A partir dessas reflexões, buscamos nessas palavras algumas problematizações do qual necessário e importante é a questão do respeitar a opinião do outro, do saber ouvir, sendo isso uma das formas de aprendizagem e formação disponibilizadas pelo grupo.

## **6. O que podemos aprender ao longo do caminho?**

Na análise de entrevistas, além das questões referentes a definição de grupo e do processo formativo que nele ocorre, identificamos como outro aspecto significativo as aprendizagens possibilitadas no espaço grupal, ou seja, a possibilidade de aprender, de trocar, de agregar.

Nossa assessoria nos projetos de formação continuada nos levaram a olhar o espaço coletivo do grupo como um território formativo para seus participantes. Assim sendo, os entrevistados revelam que os espaços grupais, além de impulsionar a formação profissional, também alavancam a formação pessoal. Assim, percebemos que quando o professor se valoriza, ou melhor cuida de si, estimula seu lado profissional, o que se reflete nas suas ações em sala de aula.

Nesse sentido buscamos as colocações do entrevistado 2:

Este espaço de convivência (*o grupo*) em busca de um conhecimento, fundado no campo do imaginário, articulado com as experiências de vida, com a questão do processo (auto)formador, eu venho de um processo (auto)formador, porque eu comecei a refletir sobre minha prática e depois que eu sai do mestrado eu fui pra academia ser professor eu muito questioneei minha prática como docente, consegui por em prática muito do que eu acreditei, tinha um retorno enorme dos meus alunos neste sentido, extremamente positivo, extremamente recompensador, e então a possibilidade de interlocutar. (Entrevistado 2)

Dessa forma, o grupo possibilita maior preparação para a prática docente através de seus dispositivos de formação/aprendizagem como as discussões, estudos e vivências. Isso nos mostra que a formação realmente acontece neste espaço, principalmente de professores que, além de exercerem a profissão com visão mais ampla sobre os assuntos e processos de ensino/aprendizagem da atualidade, tem retorno direto de seus alunos, o que demonstra que participar de um grupo de estudos e pesquisas “faz a diferença”.

Ainda, notamos na fala de outra entrevistada que as implicações sofridas contribuem para um novo olhar sobre o que trazem as teorias. Segundo suas colocações a troca, o diálogo com os demais integrantes do grupo saem da abstração, se tornando aprendizagem concreta,

impulsionadora de novas práticas.

El intercambio y la reflexión sobre las diversas situaciones durante la cursada me permiten mejorar mis habilidades como docente, aprendiendo de la experiencia de mis compañeras de cátedra y también a partir del establecimiento de un diálogo entre la teoría y las situaciones de enseñanza concretas que transitamos cuatrimestre a cuatrimestre. (Entrevistada 4)

Da mesma forma,

A sistematização do processo de conhecimento que tu consegue ter dentro da academia te valida o pensamento, potencializa teu olhar sobre as coisas, dinamiza a tua prática, porque tu começa a entender como validar teu pensamento, deixa de ser apenas eu acho, ou eu acredito, pra um eu posso e aí não tem esta coisa que a academia limita o pensamento, não limita, ainda mais em grupo. (Entrevistado 2)

Assim sendo, o grupo impossibilita a ampliação do olhar, um olhar mais crítico, que permite sair do senso comum, do “eu acho”. Faz com que seus participantes tenham maiores subsídios para fundamentar suas ideias.

Quando entrei na faculdade eu não sabia de muita coisa, eu achava que era só passar no vestibular e fazer as disciplinas e pronto, estaríamos formadas! Mas já no primeiro semestre tive a oportunidade de ver que as coisas não eram bem do modo como eu pensava, percebi que tínhamos a oportunidade de ter uma formação diferenciada ao participar de grupos de pesquisa. [...] E a gente sente que tu tem um diferencial no curso por tu ser bolsista, tem gente na minha aula que não sabe fazer um relatório, não sabe sintetizar as coisas e eu também não conseguia sintetizar muito e hoje eu sei que na hora que tem que fazer um resumo pra escrever um artigo, então tudo isso tu vê que já ajuda um monte. (Entrevistada 3)

Percebemos que os participantes além de tudo levam o que aprendem dentro grupo para outros lugares, outros grupos e pessoas e isso se perpetua. É um movimento constante, principalmente entre os seus alunos e nos locais de atuação dos docentes. Contudo, os participantes percebem que isso faz com eles tenham um diferencial, se diferenciam no seu grupo de iguais.

No espaço acadêmico temos gestado concepções e também temos sido atravessados por demandas externas, muitas vezes, perversas de individualidade. Castoriadis (1982) fazendo uma crítica a realidade acadêmica, diz que a instituição na cultura acadêmica da competitividade interna e de afastamento das pessoas que passam, muitas vezes, a se perceberem heterônomas, regidas por uma lógica que não lhes pertence e com a qual nem mesmo concordam. Corremos numa velocidade sem medidas, para alimentar uma produção, uma instituição que, se afasta de uma cultura colaborativa e qualitativamente melhorada, na qual o que está em jogo são números de participações, número de apresentações, número de artigos escritos e nem sempre a relevância do que escrevemos. Números que alimentam relatórios, números pelos quais somos avaliados como produtivos, pouco produtivos ou mesmo improdutivos, nos impulsionam a perceber a vivência em grupo como uma ferramenta

de mudança ao que está instituído em nossa sociedade, que está marcada pela individualidade, (re)produção desenfreada e competição.

Nas palavras da entrevistada 3, a preocupação apontada por Castoriadis não é por ela anunciada, visto que defende que participa de um grupo

que consegue se organizar a partir da sua diversidade, diversidade de pensamento, diversidade de interação (...) Todos são importantes contribuindo com aquilo que eles tem de melhor. (...) Então, o grupo é mais que isso: um local, uma instituição, uma organização que a gente aprende com o outro. (...) O grupo se caracteriza muito nisso: um espaço de formação dentro da diversidade.

Entende-se que essa forma de auto-organização é o meio pelo qual os participantes relataram ser a forma pela qual aprendem, no grupo, a trabalhar no coletivo e conviver na/com a diversidade. Com esta fala, percebemos algumas das significações e possíveis aprendizagens na formação em grupo. Trabalhar em equipe requer estar apto a respeitar a individualidade para que se possa aprender com o outro, o que é difícil, mas não impossível de acontecer. Tais reflexões vão de encontro com a fala da entrevistada 1:

Penso que a convivência em grupo nos apresenta diversos desafios, uma vez que temos que aprender a lidar com o outro, exigindo de nós um olhar mais maduro e sensível aos acontecimentos. (...) Aprender a escutar o outro e aprender a ser questionada (...) eu sinto que hoje eu estou aprendendo a ser mais questionada e a pensar que este é o modo que eles têm pra eu ser valorizada e pra fazer com que eu faça um trabalho melhor, do que levar pro lado a teu trabalho é ruim, então eu acho que isso é muito importante.

## **7. Antes de interrompermos a caminhada, as descobertas nos provocam a continuar**

A universidade é um dispositivo de formação que proporciona outro dispositivo de formação - o grupo. O grupo é, portanto, uma possibilidade que a universidade oferece para alavancar nossa (auto) formação. Entende-se que a formação propiciada na universidade através do grupo, carrega em si o intuito de aprofundar temas, expandir conhecimentos, (res)significar aprendizagens, promover diálogos, interrelacionar vivências gerando pesquisas.

Segundo Ferreira; Eizirik (1994, p. 7), é no grupo que

aparecem crenças e fantasias, desejos e necessidades, sonhos e interesses, raciocínios e intuições: uma gama de elementos fundantes do processo de simbolização. (...) ele institui, histórica e culturalmente, o conjunto das interpretações, das experiências individuais, vividas e construídas coletivamente.

Então, o grupo funciona como “um indivíduo de múltiplas cabeças” (SILVA, p.14, 2006), em que todos tem a possibilidade de se aproximarem de autores e saberes muitas

vezes desconhecidos, o que um trabalha pode servir para o outro, mas isso só é percebido dentro do grupo, durante as reuniões e nas trocas entre seus componentes, na interlocução entre ambos.

Sendo o grupo percebido pelos que dele participam como um verdadeiro espaço de formação, os sujeitos o relatam como propulsor de experiências enriquecedoras e o motor que muito movimentava suas ações enquanto docentes em contínua e infinita formação. Então, o grupo é caracterizado pelo entrevistado 2 como:

Um espaço que posso dizer que foi uma das matrizes mais potentes da minha docência reflexiva, porque foi aonde eu potencializei o olhar sobre a minha docência, eu potencializei o olhar sobre a docência em si e não só sobre a minha, eu entendi que existem possibilidades para que a gente não se contente com uma fórmula, não se contente com um lugar seguro, o lugar seguro sempre lança pra outro lugar que é sempre um lugar de questionamento, este espaço de movimento.

As representações construídas através das experiências que cada um viveu como grupo foram reconstruídas, dando notoriedade aos valores pessoais dos participantes e também às mudanças e deslocamentos de sentidos em ações e comportamentos como indivíduo e como ser social.

Outro fator de tamanha relevância são as aprendizagens geradas pelo olhar, pela crítica do grupo, sendo essas tanto positivas quanto negativas, porém, que acrescentam experiências à formação, sendo um meio pelo qual é possível que os participantes olhem para suas produções ou para si próprios de forma mais crítica, preparando-se melhor até mesmo para o exercício da profissão, para a vida em sociedade e para o trabalho coletivo ou em outros grupos, fortalecendo e dando maior consistência às idéias e defesa das mesmas enquanto autores e atores sociais.

São as pulsões pessoais, individuais, somadas às intimações do coletivo, da sociedade, da cultura, então tu te faz assim, as tuas ideias, do que tu tens dentro de ti, sei lá, somadas com o que eu estou escutando de ti hoje, com o que eu estou escutando de um colega aqui de Santa Maria, ou sei lá, este bilhete que eu li agora aqui. Tudo me constrói, tudo me faz, e assim eu vou indo, eu estou sempre indo, eu não sou nada, eu estou sempre sendo. (Entrevistado 2)

O grupo, assim, vem se caracterizando como um dispositivo de formação. Cada indivíduo durante seus processos de formação vem para o grupo com ideias formadas, conceitos próprios e visões distintas sobre os temas que serão abordados. Neste movimento é que saberes também são (res)significados. Nesta troca de ideias e socialização de conhecimentos é que a formação acontece no coletivo. O grupo não ignora ou oculta os olhares dos sujeitos, mas numa difusão de concepções todos são considerados, fazendo surgir então o olhar do grupo como um todo.

É um espaço de muitas trocas, não só relacionadas aos trabalhos que cada um realiza, mas também no que se refere a minha formação como pessoa. (Entrevistada 3)

Somos todos muito diferentes mas temos todos uma busca comum (...) Tem o inevitável atravessamento de todos em todos, e este atravessamento que é instaurador (...) ao mesmo tempo é desestabilizador, eu acho que este duplo movimento é fundamental. (Entrevistada 1)

Essas são aprendizagens que o grupo possibilita e que se fazem de tamanha significação para os professores, pois esses trabalham com gente de culturas, crenças, sociedades diferentes e este olhar ampliado e diferenciado sobre o humano, as relações e a profissão, fazem com que possam compreender melhor seus alunos mesmo com as mais diversas especificidades, qualificando suas práticas.

Portanto, o grupo é capaz de possibilitar em cada um o olhar para si e estar em constante movimento. Através das vivências realizadas, das discussões acerca do vivido, do imaginado e do idealizado, o grupo mostra-se sempre aberto ao novo e disposto a discutir e (re)significar saberes e instituir novos imaginários sobre os temas da educação, formação de professores e dispositivo grupal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEGER, José. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FERREIRA, Nilda Tevês; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e Imaginário Social: revendo a escola. In: **Em Aberto**. Brasília, n. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994.

GAYOTTO, Maria Leonor Cunha (Org.). **Trabalho em grupo: ferramenta para mudança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica/UFPel, 2004.

SCHALLER, Jean-Jacques. Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo à constituição de um mundo comum. In: PASSEGGUI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (orgs.) **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. Natal, R.N.: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

SOUTO, Marta. **El carácter de “artificio” Del dispositivo pedagógico em la formación para el trabajo**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007a.

\_\_\_\_. **Repensando la formación**: cuestionamientos y elaboraciones. 2007b. (texto digitado– Aceptado para publicar en la Revista N. 1.de Educación de Palermo).